

UMA CÂMERA, FOTOGRÁFICA, NA MÃO

A cena, ainda que inusitada, torna-se cada vez mais usual: em sets de produções profissionais, rodeada pelo aparato de microfones e gravadores externos, guarda-chuvas, rebatedores de luz e outros apetrechos, além da equipe de técnicos, diretores e ocasionalmente atores, reina absoluta uma câmera... fotográfica.

Já se sabia que, com a evolução tecnológica, as câmeras digitais diminuiriam de preço e tamanho. Poucos imaginaram, no entanto, que duas máquinas fotográficas, as Canon 5D e 7D, pudessem um dia assumir o papel de câmera principal em produções de comerciais, curtas, videoclipes, DVDs musicais, programas de ficção para TV e até mesmo longas.

A Canon EOS 5D Mark II Digital SLR com 21.1 megapíxeis, lançada em setembro de 2008, e a EOS 7D SLR com 18 megapíxeis, introduzida um ano depois, idealizadas para as necessidades de fotógrafos, particularmente de fot-jornalistas, conquistaram adeptos fiéis entre diretores de fotografia e cineastas no Brasil e no mundo.

O excelente preço, uma fração do valor das câmeras de vídeo digitais *high-end*, contribuiu para a popularização. O corpo da 5D custa 2.500 dólares em uma famosa loja de Manhattan, que por mais 555 dólares promete entregar o produto na casa do comprador no Brasil em 45 dias. No mais barato importador daqui, e sem nenhuma referência confiável, o modelo é oferecido por 5.100 reais.

A 7D, que não é uma evolução da 5D mas sim uma versão simplificada e com avanços em alguns aspectos, tem preço ainda melhor. A mesma loja nova-iorquina vende o corpo por 1.600 dólares e propõe-se a entregar em 45 dias por mais 456 dólares. No importador mais em conta, o corpo da 7D está por 3.650 reais. Nos dois casos, faz-se necessário comprar lentes e acessórios.

Maritza Caneca



Mas a utilização da 5D e 7D em produções profissionais resulta fundamentalmente da qualidade das imagens *full HD* captadas. Ainda que inferior ao resultado das melhores câmeras de vídeo HD, incluindo neste rol a Red One, a mais barata das câmeras *high-end*, o tipo de imagem propiciada pelas pequenas Canon chama a atenção. A 5D dispõe de um sensor *full frame* CMOS de 24 x 36mm, de altíssima sensibilidade, que permite inclusive filmagens em condições de baixa luminosidade. Já a 7D não é *full frame*, mas a qualidade de captação também impressiona.

“As câmeras de vídeo tendem a focar tudo. Esse excesso de foco empastela a imagem”, analisa Alziro Barbosa, diretor de fotografia de filmes como *Bela noite para voar*, de Zelito Viana, e *Serras da desordem*, de Andrea Tonacci. “Já as câmeras de cinema de 35 milímetros têm menos profundidade de campo. Bom, a 5D tem uma profundidade de campo ainda menor.”

Outro ponto positivo, ressalta Maritza Caneca, diretora de fotografia de filmes como *A luz do Tom*, de Nelson Pereira dos Santos, e do primeiro longa brasileiro em 3D, *Brasil animado*, de Mariana Caltabiano, é a possibilidade de se acoplar aos corpos da 5D e da 7D lentes fotográficas profissionais (Canon, Nikon, Ultra Prime e Cooke S4, entre outras).

“As câmeras são excelentes. O que mais importa são as lentes. A possibilidade de uso de boas lentes e a profundidade de campo proporcionam imagens com *look* de cinema”, afirma Maritza, uma das primeiras a filmar com a 5D no Brasil e que atualmente tem uma 7D.

Esse “acabamento das imagens mais próximo ao cinema” é o que levou Andreas Valentin, que já dirigiu vários documentários sobre a Amazônia para TV, a comprar a sua 7D. Há também razões práticas e mesmo afetivas para a escolha deste equipamento. Integrante autodeclarado da geração Super 8, ele faz um paralelo entre os equipamentos.

“Na década de 70, o Super 8 era uma forma barata e fácil de fazer cinema. Podia me deslocar com a câmera na mochila. Hoje faço o mesmo com a minha 7D”, salienta.

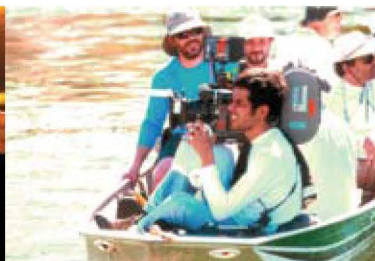
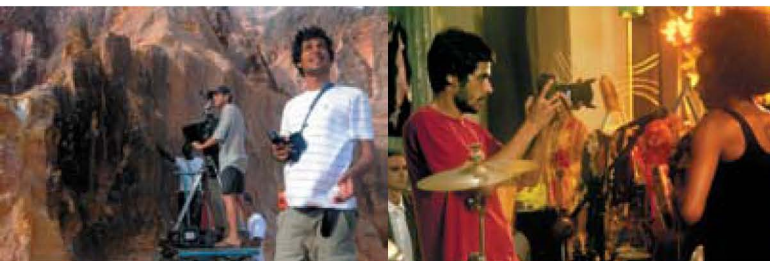
O diretor Marcio Curi, de Brasília, filmou com uma 5D praticamente todo o seu segundo longa, *A última estação*, que está em finalização. O filme conta a trajetória de um imigrante libanês no Brasil e tem muitas cenas de época: “Tínhamos a opção de alugar uma Red One pelo mesmo valor. Preferimos a 5D pela possibilidade de obter imagens com muito desfoque. Conseguimos fazer coisas muito interessantes, sem grandes investimentos em cenografia e sem fechar muito os planos.”

A qualidade da imagem é interessante, o preço é ótimo e a mobilidade facilita a logística, mas os equipamentos apresentam uma série de limitações, ressalta Marcio Menezes, diretor de fotografia de longas como *Conceição* e *Reis e ratos*, de Mauro Lima. Alguns dos problemas decorrem exatamente do fato de a 5D e a 7D serem fundamentalmente máquinas de fotografia, e não de vídeo.

No caso da 5D, a principal reclamação dos usuários, enfatiza Marcio, está na dificuldade de fazer o foco. A máquina foi projetada preferencialmente para tirar fotos, e focar imagens em movimento requer um elevado grau de perícia do operador. Essa dificuldade no foco da 5D faz com que grande parte dos usuários amadores, e mesmo alguns profissionais, optem pela 7D.

Maritza, que gosta dos dois modelos, aponta soluções. Ela enfatiza a importância de se trabalhar com profissionais especializados. Como essas câmeras são aparentemente de simples manuseio, muitas produções suprimem o focista, que, sobretudo com a 5D, é imprescindível.

“Temos que ter as mesmas funções de uma produção para cinema, inclusive o focista. Existe realmente uma dificuldade no foco da 5D, mas temos a capacidade de nos adaptarmos a tudo”, ressalta.



Marcio Menezes

Andrea Capella, diretora de fotografia de filmes como *A fuga da mulher gorila*, de Felipe Bragança e Marina Meliande, e *Alegria*, da mesma dupla de diretores, aponta outras limitações originadas pelo fato de as câmeras não serem projetadas primordialmente para a captação de vídeo.

Não há “saída limpa para o monitor”, ou seja, depois do *play*, o operador não vê em alta definição as imagens que estão sendo captadas. Também não há *timecode*. Para uso profissional, recomenda-se a conexão de um monitor externo.

O microfone embutido nesses modelos capta o som em baixíssima qualidade. Para ter áudio profissional, é necessário acoplar um microfone externo ou valer-se de um gravador separado.

Por fim, afirma Andrea, falta ergonomia. O design das máquinas é apropriado para se tirar fotos. Não é possível colocar a câmera no ombro, posição mais confortável, e muitos diretores de fotografia optam por adicionar um suporte.

“A estrutura das câmeras é pequena para botar todos estes acessórios. Ela acaba virando um Frankenstein”, brinca Andrea.

Outro problema, que afeta principalmente o uso desses equipamentos para a produção de documentários, é o fato de a captação ser interrompida a cada 12 minutos, quando a câmera se desliga automaticamente, afirma Andrea, o que a torna inadequada para entrevistas mais longas.

À lista dos problemas, deve-se acrescentar que os arquivos CODEC H264 gerados pelos dois modelos são muito comprimidos quando comparados aos arquivos de câmeras digitais mais sofisticadas, o que diminui a margem para manipulação na edição. Sobre este ponto, vale ressaltar o aspecto positivo de se trabalhar com arquivos leves,

que podem ser editados num simples notebook Mac, desonerando assim os orçamentos dos altos custos de uma pós-produção profissional.

“A 5D e a 7D são muitas vezes tratadas como solução para deixar para trás a película e as câmeras de vídeo profissionais. Elas de fato resolvem vários problemas, mas o uso primordial deve ser como segunda câmera”, sentencia Andrea. “A consequência mais importante do sucesso dessas câmeras Canon foi mostrar que as pessoas gostam de outro tipo de imagem, com esse *look* cinematográfico.”

Outros fabricantes parecem ter entendido o recado e espera-se para 2011 o lançamento de equipamentos profissionais que incorporem as qualidades de captação destes modelos que tanto agradaram ao mercado.

Há também rumores, não confirmados pela Canon, do lançamento de uma nova versão da 5D. Roberto Santucci, diretor da comédia *De pernas pro ar*, cuja abertura foi filmada com a 7D, duvida: “A Canon causou um tremendo prejuízo para os concorrentes com estas câmeras e aparentemente fez um acordo para não ir adiante. O objetivo da empresa era apenas atender a uma demanda dos fotojornalistas, que desejavam um equipamento que também pudesse fazer vídeos curtos para a Internet. Mas estas câmeras acabaram revolucionando o mercado de televisão e cinema.”

Marcelo Cajueiro marcelocajueiro@filmeicultura.org.br

